

CONTEXTUALIZAÇÃO DE TEMAS FILOSÓFICOS NO DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA – A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*: UM APORTE DO PRAGMATISMO DE RICHARD RORTY PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

[CONTEXTUALIZATION OF PHILOSOPHICAL ISSUES IN THE DOCUMENTARY *TARJA BRANCA – A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*: A CONTRIBUTION OF RICHARD RORTY'S PRAGMATISM TO THE TEACHING OF PHILOSOPHY]

Heraldo Aparecido Silva

heraldokj@yahoo.com.br

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Professor Associado na Universidade Federal do Piauí – UFPI, vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE/CCE. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL/CCHL. Coordenador do Núcleo de Estudos em Filosofia da Educação e Pragmatismo – NEFEP/UFPI. Tem experiência nas áreas de Filosofia e Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, Filosofia Prática, História da Filosofia e Filosofia e Ensino. Atua principalmente nos seguintes temas: filosofia da educação; pragmatismo e neopragmatismo; epistemologia, ética e pedagogia; ética e educação; filosofia e literatura; ensino de filosofia; histórias em quadrinhos e cultura pop; desenhos animados; documentários, seriados e filmes

Maristane Maria dos Anjos

maristanemanjo@hotmail.com

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (1996) e graduação em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (2009). Especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes-RJ (2011). Mestrado em Filosofia pelo Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (2019).

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>

Recebido em: 01 de abril de 2019. Aprovado em: 15/06/2019

Caicó, ano 12, n. 1, 2019, p. 167-179, ISSN 1984 - 5561
Dossiê Introdução à Filosofia e Filosofia do Ensino de Filosofia



DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia
ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

Resumo: O presente artigo se fundamenta na abordagem pragmatista do filósofo norte-americano Richard Rorty sobre o uso da narrativa do gênero documentário. Pois trata da análise e apresentação de possibilidades de ensino contextualizado de temas de Filosofia a partir do documentário *Tarja Branca - A Revolução Que Faltava*. Deste modo, iniciamos com a ênfase no uso de documentários como ferramenta de sensibilização e, portanto, contextualização do ensino. Em seguida, elencamos argumentos e discussões acerca do modo de vida estandardizado da sociedade capitalista contemporânea à luz do documentário e dos respectivos temas de Filosofia: Sociedade Disciplinar, Sociedade de Controle, Liberdade versus Determinismo. Cada tema filosófico apresenta uma articulação com o documentário, textos e atividade sugeridas.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Pragmatismo. Documentário.

Abstract: The present article is based on a pragmatic approach of the American philosopher Richard Rorty about the use of narrative of the documentary genre. For it, deals with the analysis and presentation of contextualized teaching possibilities of Philosophy themes from *Tarja Branca* documentary. In this way, we started by emphasizing the use of documentaries as an awareness tool and, therefore, a contextualization of teaching. Next, we list arguments and discussions about the standardized way of life of contemporary capitalist society at the light of the documentary and the respective Philosophy themes: Disciplinary Society, Control Society, Liberty *versus* Determinism. Each philosophical theme presents an articulation with the documentary, texts and suggested activity.

Keywords: Philosophy Teaching. Pragmatism. Documentary.

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia
ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

INTRODUÇÃO

A necessidade de contextualização do ensino de filosofia de que se ocupa este trabalho, considera de extrema relevância o ideal pragmatista defendido por Richard Rorty. Este ideal compreende uma filosofia da ação e não da contemplação, entretanto, esta filosofia ativa destaca o uso de gêneros, narrativas como uma linguagem mais enriquecedora a ser apreendida, pois, afeta significativamente a sensibilidade do sujeito, mais do que simplesmente um debate, discussão ou exposição teórica. Na acepção de Rorty (2007), a teoria, não envolve, não impacta, portanto, não sensibiliza tanto o indivíduo quanto os gêneros. Assim, as narrativas etnográficas, de reportagens jornalísticas, de história em quadrinhos, o romance, bem como o documentário dramatizado são excelentes veículos que produzem comunicação e compreensão mais efetivas do que o tratado ou o sermão, pois, não reagimos da mesma forma a estes vocabulários.

Evidentemente, o neopragmatismo de Rorty está voltado para o papel da linguagem, os usos da linguagem, ou seja, a seleção de vocabulários adequados para alcançar os propósitos objetivados. Logo, Rorty (1979), esclarece que sua concepção de filosofia não tem nada a ver com a busca de certezas ou verdades. Ele propõe o abandono do paradigma epistemológico em favor do paradigma educacional, que deve ser compreendido como uma atitude filosófica conversacional. Em seu projeto pragmático de educação está presente a ideia de solidariedade humana, que se manifesta quando somos capazes de nos sensibilizar, de nos redescrever, isto é, perceber que a dor e humilhação que padecem outros seres humanos poderia ser em nós mesmos ou alguém de quem gostamos. Então, ser capaz de ver o sofrimento de pessoas diferentes de nós e as enxergarmos não como eles (as), mas como um de nós, se constitui a redescoberta que é experienciada através da imaginação. Deste modo, Rorty (2007), assegura que a solidariedade humana não é descoberta pela reflexão, mas criada.

Neste sentido, a escolha da narrativa do gênero documentário como instrumento capaz de produzir, de promover um ensino contextualizado de temas da disciplina de filosofia é um dos principais propósitos referidos neste artigo, contudo, este propósito não pode estar desvinculado do pleno significado da filosofia pragmática de Richard Rorty, pelo contrário, nossa proposta é também dar ênfase ao seu pensamento inovador sobre o papel da filosofia. O autor destaca a importância de uma filosofia social, uma filosofia prática que auxilie na construção de um mundo melhor, de uma sociedade edificante e, não somente, de uma filosofia que busca a construção de conceitos. Mas, o filósofo prioriza uma filosofia da conversação, que venha provocar a transformação de realidades sociais cruéis, que mantém vidas humanas submetidas a condições econômicas, morais, sociais degradantes. De acordo com Rorty (1991), o pragmatismo deve representar uma filosofia da esperança e da solidariedade e não do desespero.

O uso do gênero documentário proporciona de um lado, um ensino de filosofia mais atraente, mais significativo e contextualizado para o discente, porque estimula e envolve muito mais a sua atenção do que o livro didático. Todavia, não se pretende aqui limitar o ensino e aprendizagem desta disciplina apenas a apropriação de conceitos. Desta forma, acrescentamos, de outro lado, que a narrativa do documentário pode favorecer o discente a olhar para si mesmo, avaliar a cultura, o sistema, o mundo em que se encontra inserido. No entanto, nem sempre é possível para o discente do Ensino Médio desenvolver individualmente essa atitude. Segundo Ghiraldelli Jr. (1999), Rorty define a educação como

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

socialização e individualização. Esses dois processos se diferenciam na medida em que o primeiro, a socialização, consiste tão somente na transmissão do saber, das ideologias, da crosta de convenções sociais vigentes e estabelecidas como verdades. O segundo, refere-se ao processo de individualização, compreende a ação pedagógica que instiga o discente a recriação do pensamento livre, ou seja, a questionar as ideologias, os valores, as verdades vigentes.

No documentário que trazemos para análise e apresentação de sugestões de possibilidades para contextualizar temas filosóficos, *Tarja Branca: A Revolução que Faltava*, encontramos na fala de personagens entrevistadas, justamente, o confronto entre os dois processos educacionais denominados por Rorty de socialização e individualização. Os entrevistados apresentam suas queixas, frustrações e insatisfações com o modo de vida dominante da sociedade capitalista contemporânea, em que a maioria dos indivíduos se encontram confinados neste sistema de produção, consumo e alienação fatigantes. Não há espaço, nem tempo para evocação do espírito brincante, da imaginação, da criatividade, da liberdade de pensamento e ação. A manifestação de inquietude e angústia desses profissionais em *Tarja Branca*, seguidas de diferentes questionamentos e consideráveis argumentos sobre o modo como as pessoas têm conduzido suas vidas, ao desprezarem muitas vezes, sua existência emocional e mergulharem nessa cultura apressada, estressante, em uma vida programada minuciosamente, quase automática. Uma vida onde o ser humano mais se assemelha às máquinas.

Esta constatação das personagens do documentário sobre o contexto em que a sociedade contemporânea está submetida, condicionada, e que muitas vezes não se dá conta se deixando aprisionar cada vez mais nessa condição, exemplifica claramente o processo educacional de socialização de que trata Rorty. Assim, o modelo de vida social, os valores impostos pela ideologia vigente são as verdades inculcadas e, que muitos se acomodam a elas. Já, as discussões levantadas e declarações de descontentamento pelos entrevistados em *Tarja Branca* em relação ao atual modo de viver da sociedade no mundo capitalista, representa o processo de individualização. Consequentemente reconhecemos, que o indivíduo liberta seu pensamento, pensa sobre si próprio e a realidade, buscando, assim, alternativas de se reinventar, se autocriar.

Ao utilizar o documentário em sala de aula, o professor pode realizar uma socialização compatível com a individualização, ou seja, apresentar conteúdos que acenam para o desejo de mudança e de aperfeiçoamento moral e social. O documentário *Tarja Branca* pode inspirar inúmeras conexões com diferentes textos filosóficos e não filosóficos para compreensão dos temas, mas também, para demonstrar a função edificante da filosofia pragmática. Logo, estimular os jovens à reflexão, a reforma do pensamento e das atitudes e, então, contribuir para a construção de um mundo melhor. Rorty (1999) reitera que o professor que deseje formar o discente pensante, questionador, desprendido das forças alienantes, mas sempre aberto a mudança de ideias, à liberdade de pensamento, deve se comportar como um intelectual humanista, assim, ele descreve o professor, como aquele que instiga dúvidas nos discentes sobre como eles próprios se autodefinem e sobre a concepção de sociedade a que pertencem.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

SOBRE O DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*

O documentário *Tarja Branca* do ano de 2014, produzido por Juliana Borges e dirigido por Cacau Rhoden, traz amplo discurso de diferentes profissionais que argumentam em favor do valor e importância do ato de brincar. Esta produção tece primorosos elogios à brincadeira, representa um manifesto pelo direito de brincar da criança, mas também, chama a atenção para a necessidade do brincar em qualquer fase da vida, pois o ato de brincar estimula a imaginação, o desenvolvimento do espírito livre, a criatividade. Contudo, a organização social contemporânea promove uma sociedade agitada e hiperativa que resulta num ritmo de vida bastante estressante e materialista que não favorece o aspecto lúdico da vida, já que não contribui para incentivar a manifestação do espírito brincante de crianças, jovens e adultos.

As críticas elaboradas e expressas nesse documentário justificam adequadamente seu título, *Tarja Branca A Revolução que Faltava*, pois o sistema capitalista acaba condicionando os indivíduos a estarem conectados apenas à dimensão mental ou racional e a desprezarem sua condição emocional, espiritual, suas sensações. O ser humano é notoriamente investido de homem-máquina, pois nessa sociedade o indivíduo é treinado a ter, possuir, consumir bens materiais e, assim, estimulado a trabalhar intensivamente em busca de alcançar este objetivo. Dessa maneira, submetidas a estas circunstâncias, as pessoas vão se desgastando física e emocionalmente. A ausência de tempo livre prejudica seu desempenho intelectual, reduz sua qualidade de vida em vários aspectos, pois a perda da capacidade inventiva, criativa dos indivíduos é visível. Dessa forma, o ser humano necessita priorizar o tempo livre, para desenvolver sua dimensão de ser, ampliar suas possibilidades de ser mais livre, mais imaginativo, portanto, ser capaz de romper com esse modelo de clausura, aprisionamento estabelecido nas instituições, de modo geral, família, escola, empresa, etc.

Esta sociedade acelerada não dá lugar ao espírito brincante, as crianças e adultos tornam-se sérios, agitados, com pouco ou nenhum senso de humor, ansiosos e tristes. Convivemos hoje com a medicalização para não entrar em contato com esses sentimentos. Entretanto, evitá-los é nos privar de uma condição que nos é intrínseca. Diante disto, *Tarja Branca*, não apenas nos convida, mas convoca-nos e clama pela urgência de concebermos o brincar como algo sério. Então, é evidente que para atingirmos resultados positivos em nossos afazeres, tarefas sejam quais forem devemos nos envolver por inteiro, ou seja, razão e emoção devem se apresentar indissociáveis para que esse valioso espírito brincante se manifeste.

SOCIEDADE DISCIPLINAR NO DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*

A organização da sociedade moderna, bem como o paradigma educacional desse contexto histórico apresenta como cerne a disciplina, a ordem, a racionalização do tempo,

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

espaço, das ações dos indivíduos, em suma, da vida humana, como constatou Max Weber (apud BOMENY *et al.*, 2013).

. Este documentário propõe-se a demonstrar a necessidade de resgatar a liberdade humana, que representou uma das principais motivações para lutar na Revolução Francesa. A valorização da espontaneidade, a brincadeira, isto é, a abertura ao desenvolvimento do espírito lúdico, podem colaborar para a construção de uma sociedade mais autônoma, mais livre, pois isto é o que impulsiona a imaginação, a criatividade. Entretanto, a sociedade disciplinar que se estabeleceu com toda força nas instituições sociais impede essa conquista de sermos nós mesmos, manifestando nossas diferentes habilidades e, portanto, negando a adesão a este modelo disciplinar que busca igualar a todos, ao desprezar nossas vontades e competências individuais.

Em *Tarja Branca*, essa defesa pelo direito a investir e deixar fluir nosso espírito brincante, nossos desejos, liberdade de ação e de pensamento, precisam ser preservadas em todas as idades. Contudo, a sociedade disciplinar fabrica o homem-máquina, o homem programado, condicionado a agir mentalmente. Geralmente, não se verifica no desempenho de suas atividades, a presença da componente emoção, ele age quase que mecanicamente. De modo que não há espaço para evocar a imaginação, logo, a criatividade também não se revela.

O documentário ressalta que no contexto escolar, as crianças são aprisionadas em suas carteiras e esta repressão não se restringe somente a seus corpos, suas mentes também são alvo desse aprisionamento, através de um ensino conteudista. E, não para nisso, além da alienação na disciplina de aprendizagem escolar, a criança, o jovem, encontram-se submetidos a esse sistema de alienação no lazer, como a substituição da brincadeira autêntica, artesanal pelos shoppings centers e consumo de eletrônicos. Assim como o adulto em seu trabalho submete-se a atividades mecânicas, das quais não se identifica, em razão de sua subsistência ou visando o acúmulo de capital como apregoa o sistema vigente, ou ainda, porque acha que não garantiria sua sobrevivência em outra atividade pela qual se identifique e propicie alegria e prazer.

Na obra *Vigiar e Punir*, do pensador francês Michel Foucault, o conceito de sociedade disciplinar é empregado por ele para denunciar o malogro dos ideais iluministas, pois argumenta que as luzes da razão que lutaram pela conquista da liberdade, também inventaram as disciplinas. Estas por sua vez, contrariam a luta pelos direitos, pois com a ascensão da burguesia que promove um declínio de valores e, tem como finalidade estabelecer um processo que enquadra a multiplicidade sob linhas de normalidade e semelhança. A sociedade disciplinar é constituída pelo exercício do poder disciplinar que ocorre, não somente pelo desenvolvimento de diversos conhecimentos que nortearão nossas vidas, mas também através das relações sociais que travamos, sejam elas hierárquicas ou não (FOUCAULT, 2014).

Nas sociedades modernas disciplinares, o alvo não é somente as consciências individuais, mas, sobretudo, os corpos, como diz Foucault (2014), o processo de docilização dos corpos, de submissão dos indivíduos, seja às disciplinas ou saberes, seja às relações sociais é o principal objetivo do poder disciplinar exercido pelas sociedades disciplinares.

Nessa perspectiva de sociedade foucaultiana, em que os indivíduos são domados, domesticados, convém relacionarmos às críticas relatadas em *Tarja Branca*, sobre a maneira como a sociedade encontra-se organizada. Na verdade, o termo ou termos mais apropriados

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

seriam de sociedade acelerada, mas também acorrentada e reprimida, onde o ócio, a liberdade, o espírito brincante são vistos de forma negativa, como algo perigoso. Assim, vários entrevistados no documentário reforçam as ideias defendidas por Foucault. Eles percebem que nessa sociedade somos cotidianamente vigiados, fiscalizados, para em seguida sermos moldados, programados de acordo com a disciplina do lugar, seja escola, fábrica, empresa, qualquer espaço social. Logo concluem, que este contexto não contribui para uma sociedade saudável, que preze pela espontaneidade, liberdade, criatividade.

Podemos constatar no documentário *Tarja Branca* que os discursos exibidos por diferentes especialistas, em especial pedagogas e psicólogas, incluindo também outros participantes, expõem críticas e considerações ao modelo de sociedade que educa da maneira tradicional e, desse modo, concebe um ensino reduzido à transmissão de conteúdos, a repressão, o adestramento da criança, que é tratada como se adulto fosse. A seriedade que envolve esse modelo de ensino e aprendizagem não corrobora para a aceitação e compreensão da singularidade de cada indivíduo. Com isto, ao desprezar a espontaneidade, o desenvolvimento do espírito livre da criança por meio de atividades lúdicas, brincadeiras, acabam por podar a sua capacidade imaginativa e criativa, pois o documentário, enfaticamente, mostra a necessidade e a importância do brincar e, que infelizmente, não é valorizado nas instituições escolares e, cada vez mais, vem sendo substituído por novos hábitos inserido pela cultura capitalista e tecnológica.

Os argumentos imediatamente expostos acima coincidem claramente com as reflexões do filósofo iluminista Rousseau (2017) acerca da educação das crianças. Em sua obra *Emílio ou da Educação*, que se trata de um romance pedagógico que narra a educação de um menino órfão, nobre e rico. O autor fiel ao seu princípio de que o homem nasce naturalmente bom, defende que é preciso partir dos instintos naturais da criança para desenvolvê-los. Dessa forma, o filósofo propõe uma educação negativa que implica no ato do professor preservar a criança, sua condição, sua singularidade em substituição à educação positiva, que representa o ensino tradicional na qual a criança é tratada como um adulto em miniatura, uma vez que se interessa apenas pela formação prematura do intelecto, ou seja, a transmissão de conteúdos. Nesse sentido, as crianças não se desenvolvem ativamente e de forma mais livre, pelo contrário, esse estágio de suas vidas – a infância – lhes é negado, porque ao invés de estimularem a brincadeira que é a primeira maneira de comunicação com o mundo social, as crianças são programadas a desenvolverem somente o intelecto.

Na letra da canção *Epitáfio*, de Britto (2001), identificamos trechos que podem ser evidenciados no documentário *Tarja Branca*, tais como, incentivar a interação da criança com a natureza, as estações do ano, a variação do clima, pois, privar a criança da livre experiência ao aprendizado é de certo modo uma violência para seu desenvolvimento saudável. Portanto, a letra musical retrata a manifestação da linguagem natural, a manifestação do humano na passagem que narra: “devia ter complicado menos, trabalhado menos, ter visto o sol se pôr”.

Outra importante relação a ser destacada é quando o documentário mostra que o brincar nada mais é que ir atrás de seus desejos, suas vontades, fazer exatamente aquilo que nos faz sentirnos felizes, inteiros e, todos nós, em qualquer idade precisamos despertar essa criança interior. Desse modo, precisamos valorizar mais nossas emoções, sensações, a nossa dimensão ser, e não nos voltarmos apenas para o ter, quase sempre buscado em primeiro lugar nesta sociedade materialista, que treina os sujeitos a valorizarem excessivamente este fim. Assim, a parte inicial da canção afirma a principal intenção de *Tarja Branca* neste trecho:

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>**Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia**

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

“Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais, e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer”. Fica claro, portanto, a convergência entre as intenções do compositor da canção e o propósito do documentário.

SOCIEDADE DE CONTROLE NO DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*

A transição da modernidade para a contemporaneidade representa a passagem de uma sociedade disciplinar, assim denominada por Michel Foucault (2014), para uma sociedade de controle, definida por Deleuze (1992). Cada um destes modelos sociais apresenta como finalidade fiscalizar e controlar todos os segmentos da vida das pessoas. Entretanto, conforme a teoria foucaultiana, a sociedade disciplinar se caracteriza através das instituições modernas de disciplina e confinamento, como escola, fábrica, entre outros (FOUCAULT, 2014). Já a sociedade de controle é caracterizada por sua invisibilidade que se expande junto às redes de informação. Vejamos, que no documentário *Tarja Branca a Revolução que Faltava*, exibe fortemente severas críticas ao modelo social que estamos expostos e que somos “educados”, pois, a preocupação central desta narrativa é demonstrar a necessidade de autonomia, de liberdade, espírito brincante que são recursos imprescindíveis para abrir o portal da imaginação, manifestar a criatividade, mas principalmente, garantir melhor qualidade de vida às pessoas.

O documentário denuncia que o ato de brincar é visto como algo perigoso pela sociedade que é manipulada pelo sistema de disciplinamento e controle. Portanto, na obra *Conversações*, de Deleuze (1992), o autor desenvolve o conceito de sociedade de controle para explicar que o modelo de sociedade atual é sutilmente vigilante e controlador, assim como apregoa o documentário, uma vez que não oportuniza a liberdade para pensar, ou simplesmente usar o tempo com leveza e de forma lúdica, sem a agitação, disciplinamento e amarras desse sistema organizado para nos programar, nos domar integralmente, em qualquer circunstância ou atividade, seja trabalho, escola ou até lazer. Desse modo, reconhecemos que a sociedade de controle amplificou a função da sociedade de disciplinar, pois, além de ultrapassar a fronteira entre o público e o privado, também está presente em todas as esferas sociais.

No texto *O que é o esclarecimento*, o pensador iluminista Immanuel Kant (2010) responde a esta pergunta afirmando que é a saída do homem de sua menoridade da qual ele mesmo é culpado. Em outras palavras, Kant questiona não utilização pelo ser humano de sua própria racionalidade, de sua capacidade de pensar livremente, de forma autônoma, sem ser conduzido pela razão de outrem. Nessa perspectiva, no documentário brasileiro *Tarja Branca*, esse pensamento do referido autor também é defendido, quando se discute a importância da brincadeira, da postura lúdica em qualquer idade, os modelos e posturas comportamentais estandardizados. Por exemplo, como está expresso no documentário e que podemos relacionar aos argumentos do texto de Kant, em que se concebe a seriedade como sinônimo de competência e a brincadeira, seu oposto, sinônimo de imperfeição. Disso, conclui-se, que a razão da nossa sociedade mercadológica pretende aniquilar a brincadeira autêntica, o desenvolvimento do espírito livre, da capacidade inventiva e imaginativa dos sujeitos e submetê-la à sua razão. Nesse sentido, cabe a nós buscar recuperar a brincadeira,

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

despertar esta criança interna que habita em cada um de nós e, desse modo, construirmos uma sociedade com mais humor, mais alegrias e satisfações e menos remédio.

A mensagem fundamental que o documentário *Tarja Branca A Revolução que Faltava* pretende divulgar é que pratiquemos mais o exercício da liberdade. Assim, a narrativa argumenta sobre a importância e o valor da brincadeira para o desenvolvimento de pessoas saudáveis, de uma sociedade saudável. Desse modo, é bastante oportuna uma conexão com o texto *Liberdade*, de Cecília Meireles, pois, a escritora neste trabalho, afirma que deve existir nos seres humanos um sentimento profundo que corresponde a essa palavra liberdade, uma vez que sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade (MEIRELES, 2002). Em suma, a autora aclama em seu texto que a liberdade deve ser sempre desejada e buscada, mesmo que nos sacrifiquemos para conquistá-la, mesmo que nunca a alcancemos, mas não podemos parar de sonhar com ela. É exatamente como nos mostra o documentário, o espírito brincante deve ser preservado em nós, renovado todos os dias, mesmo que “pareça perigoso”. Então, é indispensável compreendermos que o nosso bem-estar físico e mental dependem dessa palavrinha, que também pode significar plenitude, a Liberdade. Ela não representa somente progresso, mas, sobretudo, o maior bem a ser continuamente buscado pela humanidade.

LIBERDADE VERSUS DETERMINISMO NO DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA*

Ao longo do documentário deparamo-nos com indagações de várias personagens sobre a nossa capacidade e as nossas possibilidades de escolha diante da vida, no nosso dia a dia e, que muitas vezes, nos esquivamos de buscar aquilo que queremos, negamos nossa liberdade de escolha e nos mantemos presos a uma ordem dominante, que determina nosso modo de vida em praticamente todos os aspectos. A Filosofia se interessa pela corrente que defende a liberdade humana, assim como, pela corrente determinista, que nega essa condição. O representante maior da teoria da liberdade é o filósofo existencialista, Sartre. Em seu texto, *Liberdade: uma condenação*, ele argumenta que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio, e livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo que fizer. Então, como afirma Sartre (1973), o homem a partir de suas escolhas define sua essência, ou seja, primeiro ele existe e, durante toda sua vida ele vai constituindo sua essência. Portanto, a existência precede a essência. Logo, a angústia da escolha está sempre presente.

Como vimos no documentário, o desabafo de uma personagem que diz ter passado vinte e cinco anos de sua vida carimbando cheques devolvidos de pessoas desconhecidas em um banco, algo de que não gostava, até que um dia descobriu que podia sair do banco, e se ocupar de uma atividade, que de fato gostasse. Desta forma, a doutrina filosófica da liberdade apregoa a nossa capacidade de empreender sobre nossa vida. Isto ocorre a partir das escolhas que fazemos, da nossa vontade. Entretanto, a corrente filosófica determinista, não considera que o homem seja um ser livre e autônomo, único responsável por sua existência. Admite

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

que os seres humanos estão sujeitos a leis que determinam sua existência. Sendo assim, suas decisões ou escolhas seriam apenas produto de uma falsa ideia de livre-arbítrio.

No texto do pensador britânico empirista, David Hume, a concepção determinista é mais aceita do que a liberdade. O pensador reconhece que mesmo as ações regidas pela vontade humana, são condicionadas por certos motivos ou circunstâncias, pois, embora a vontade seja aquilo que origina uma ação, não é a partir de si mesma que ela o faz, mas com base em causas que lhes são anteriores. Desse modo, a vontade é efeito dessas causas, portanto, Hume (2009) afirma que o homem é livre para realizar as deliberações da vontade, contudo, não é iniciadora das ações humanas.

Diante disto, remontamos ao documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*, que demonstra bem essa determinação da vontade de que Hume fala, a partir da queixa de alguns participantes que afirmam que para recuperar o lúdico na vida cotidiana é necessário lutar contra um processo histórico, mais precisamente, a cultura do capitalismo, que estimulou a substituição da brincadeira artesanal, autêntica, pelos *shoppings centers* e consumos de eletrônicos. Dessa forma, podemos constatar que a vontade humana é guiada por um contexto de causas e, não é absolutamente autônoma, livre em suas escolhas. Nesse sentido, é indiscutível que o determinismo em todas as suas variações influencia diretamente na vida dos sujeitos. Entretanto, podemos também levar em consideração que, se é a partir da criatividade humana que contextos históricos podem ser modificados, conclui-se que o ser humano é ao mesmo tempo e em algumas circunstâncias, livre e determinado.

Tarja Branca coloca em evidencia a necessidade de uma mudança drástica na postura das pessoas em relação ao trabalho e ao tempo de trabalho que precisa ser reduzido, pois, atualmente, a maioria das pessoas desempenham atividades que não gostam, não se identificam, de forma alienada. Dessa maneira, transformam suas vidas em uma batalha torturante, massacrante, estressante. É interessante, apresentarmos aqui um texto do pensador alemão Nietzsche, presente em uma de suas obras, *A Gaia Ciência*. Neste trabalho, Nietzsche (2012) exalta o poder da arte, para retirar o homem da vida comum, da sobrecarga de atividades, muitas vezes mecânicas, isto é, o fardo repetitivo do cotidiano, e, que não possui nenhum valor, nenhum significado para o desenvolvimento do espírito livre, em que o homem possa descansar dele mesmo.

Nesse sentido, podemos asseverar que os referidos argumentos do filósofo alemão convergem, em linhas gerais, com a proposta do documentário brasileiro. Isso porque, Nietzsche sustenta que precisamos descobrir o herói e, também, o tolo que há em nossa paixão pelo conhecimento; nossa constante busca e necessidade de verdade. Então, ele recomenda que nada nos faz tanto bem como *o chapéu do bobo*, necessitamos dele diante de nós mesmos, necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas que o nosso ideal exige de nós, pois, para ele seria um retrocesso, cair totalmente na disciplina que o sistema de normas, regras, leis exige. Essa retidão, em razão de severas exigências representa fazermos de nós mesmo, virtuosos monstros e espantalhos. Encontramos nestas palavras de Nietzsche, a receita que o documentário *Tarja Branca* orienta para enfrentarmos os imperativos da “tarja preta”, a vida séria, pesada, estressante da contemporaneidade que leva muitas vezes ao adoecimento. Este enfrentamento corresponde a valorização da brincadeira em qualquer idade e, reconhece-a como um meio de expressão, imaginação, criatividade e aprendizagem.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem do documentário é extremamente relevante para comunicar e expressar de forma contextualizada temas de filosofia. Além disto, esta ferramenta nos permite acessar a imaginação das pessoas, por meio da sensibilização. Sucessivamente, tem se comprovado que a arte exerce influência dominante nas transformações sociais, ou seja, na mudança de paradigmas morais e intelectuais. Ela contribui para reformular e promover novos direitos sociais não sonhados por outros saberes, como a filosofia e a teologia. Logo, esse talento para falar de maneira diferente como explica Rorty (2007), não é tarefa para teorias, mas para as narrativas.

Rorty também acrescenta que o filósofo é um auxiliar do poeta, na medida em que o bem argumentar não é o principal instrumento de mudança cultural. Então, a partir da Revolução Francesa a ideia que passa a ser difundida é de que a verdade é produzida e não descoberta, deste modo, os gêneros, tais como, o romance, poemas, as peças teatrais e demais expressões artísticas ganham mais visibilidade. Isto resulta da consolidação do ideal romântico em reconhecer que a faculdade humana central é a imaginação, e não a razão.

Com base nestas explicações, este artigo notadamente designa a filosofia pragmática de Richard Rorty como recurso adequado e indispensável para a consecução dos objetivos pretendidos em uma aula de filosofia com o uso da narrativa do gênero documentário. Em sua filosofia prática, portanto, sabemos que estes objetivos não estão subordinados apenas à contextualização do ensino de filosofia, isto é, à compreensão de temas filosóficos. Pois, o uso do documentário afeta significativamente os seres humanos, provoca sua reação imediata, fomentando a redescoberta. Um processo de sensibilização que ocorre através da atividade da imaginação, em que somos capazes de nos redescrever na dor e sofrimento de outros seres diferentes de nós. Assim, a narrativa deste gênero pode nos proporcionar o desenvolvimento da ação solidária. Este padecimento com a dor, o sofrimento e a humilhação do outro e de nós mesmos, do mundo, são os meios de construção da solidariedade humana. Ela não é algo a ser descoberto, mas, como concebe Rorty (2007) só é possível alcançá-la por meio da imaginação e da criatividade. O filósofo admite que investir no desenvolvimento deste conceito de solidariedade humana é a melhor maneira de impulsionar as transformações sociais, o progresso em benefício da edificação da humanidade.

Essa perspectiva neopragmatista de Rorty se distancia do modelo de filosofia epistêmica, contemplativa e, defende que a filosofia deva exercer um papel ativo, isto é, se configurar como uma filosofia prática, voltada para a ação, reforma e transformação da sociedade. Por conseguinte, ela deve provocar mudanças e melhorias sociais, está a serviço da comunidade. Assim sendo, por compreendermos que o aporte pragmatista de Rorty é uma filosofia social e se ocupa em buscar soluções para os problemas educacionais, éticos, políticos. Além disto, o filósofo preconiza o uso de narrativas, de gêneros como meios efetivos para a inovação e renovação social. É a partir destas razões que estamos convencidos de que o uso da linguagem adequada é decisivo para contextualização de temas filosóficos. A escolha de uma forma de comunicação mais apropriada é determinante para alcançar propósito desejado.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia

ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

Neste trabalho, identificamos, portanto, que o uso do documentário *Tarja Branca – A Revolução Que Faltava*, não apenas é capaz de promover um ensino contextualizado de temas de filosofia, mas sobretudo, incentiva o discente a pensar a realidade, questionar os valores sociais, éticos, econômicos, políticos, educacionais, aos quais a sociedade se encontra inserida. É por meio desta ação, a capacidade de nos afetarmos, de reagirmos a estas questões que o uso do documentário nos invoca e, assim, nos possibilita a atividade de um filosofar pragmático, que abandone concepções arraigadas em busca de novas ideias, novos olhares na direção do novo, de transformar e construir uma sociedade diferente.

Essa sensibilização produzida pela arte do gênero documentário pode ser abordada de forma significativa nas aulas de filosofia de várias maneiras. Desse modo, no decorrer do texto, foram apresentadas algumas articulações entre o documentário e diferentes temas de filosofia, com respectivas indicações de textos filosóficos e não filosóficos, possíveis de uso no âmbito do ensino da disciplina filosofia, particularmente, no Ensino Médio. Entretanto, ressalvamos que essa articulação nunca deve ser considerada como absoluta ou fechada, porque é a partir da intenção de cada professor que outras conexões podem ser realizadas e inspirar redescrições diferentes.

REFERÊNCIAS

- BOMENY, Helena. *et al.* **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.
- BRITTO, Sérgio. **Epitáfio**. 2001. Disponível em: <https://www.letras.com.br/titas/epitafio>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, Coleção TRANS, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Richard Rorty: a Filosofia do Novo Mundo em Busca de Mundos Novos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KANT, Immanuel. O que é o esclarecimento? *In*: KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MEIRELES, Cecília. **Escolha Seu Sonho**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2012.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.30>

Contextualização de temas filosóficos no documentário *Tarja branca – a revolução que faltava*: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia
ANJOS, M. M.; SILVA, H. A.

RORTY, R. **Philosophy and the mirror of nature**. Oxford: Blackwell, 1979.

RORTY, R. **Objectivity, relativism, and truth**: philosophical papers volume I. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

RORTY, R. **Philosophy and Social Hope**. London: Penguin, 1999.

RORTY, R. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. 1. ed. Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

TARJA BRANCA: A revolução que faltava. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Juliana Borges. Elenco: Antonio Nóbrega, Domingos Montagner, José Simão, Wandy Doratiotto. Roteiro: Marcelo Negri. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2014. DVD (80 min.), color.